



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

AValiação DE LEITURA COM UM LEITOR INICIANTE

Letícia Felix Oliveira Leal, graduanda em Pedagogia – UEPB
Welba Felipe dos Santos, graduanda em Pedagogia – UEPB
Danuza Mirelle Trajano Leal, graduanda em Pedagogia – UEPB
Tâmara Monique Alves dos Santos, graduanda em Pedagogia – UEPB

RESUMO

No presente artigo retrataremos a experiência e os respectivos resultados obtidos no processo de avaliação de leitura de um leitor iniciante, no intuito de analisarmos como se dá esse processo de aquisição, apresentando assim discussões no sentido de promover a mediação pedagógica de maneira eficaz. Uma vez que ninguém nasce sabendo ler, mas aprende-se, diante da descoberta dos signos linguísticos e na vivência de práticas sociais de letramento. Este trabalho resulta de uma experiência de avaliação de leitura de um leitor iniciante por meio do Componente Curricular Concepção e Metodologia de Alfabetização ministrada pela Professora Mestre Cristina Sales Cruz (UEPB). Nessa perspectiva avaliaremos o processo de aquisição de uma criança de cinco anos do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública. O nosso embasamento teórico é resultado da proposta de Mota Rocha & Melo (2009).

Palavras-chave: Experiência, Avaliação, Aquisição de leitura, Leitor iniciante.

INTRODUÇÃO

Neste artigo apresentaremos os resultados da experiência de leitura realizada com um leitor iniciante. A avaliação foi realizada segundo a proposta das autoras Mota Rocha & Melo (2009), sendo divididas em quatro etapas, as quais foram norteadoras para a ação avaliativa. Nessa perspectiva apresentaremos as etapas realizadas e sequencialmente os resultados obtidos, pois através destes, o professor poderá direcionar de forma significativa suas atividades, podendo obter os resultados esperados e permitindo assim à aprendizagem de maneira efetiva. Saber em qual nível encontra-se o aluno é indispensável na mediação pedagógica do professor, sem conhecê-lo, essa ação poderá ser ineficiente.

O presente artigo tem como objetivo, analisar como se dá o processo de aquisição da leitura pelo sujeito, para isso consideramos a avaliação um instrumento norteador para a ação pedagógica. Visto que o objetivo da avaliação é identificar os estágios de



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

desenvolvimento ou aprendizagem dos alunos, fazendo com que essa avaliação seja um apontador para a ação docente.

Assim a temática abordada, tem como embasamento os seguintes teóricos: Soares (1998) e Mota Rocha & Melo (2009). E alguns documentos que regem a educação no Brasil, como: os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997) e o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998). Avaliaremos o processo de aquisição de leitura de uma criança de cinco anos aqui chamada de “M”. Ela é aluna do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública localizada na zona rural da cidade de Lagoa Seca, PB.

Portanto “aprender a ler e a escrever e, além disso, fazer uso da leitura e da escrita transformam o indivíduo a um outro estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, linguístico, entre outros” (SOARES, 1998, p.38). Sabendo que ninguém nasce lendo, pois ler é uma prática de apropriação à maneira que se vive, diante da descoberta dos signos linguísticos e na vivência de práticas sociais de letramento. Ler é uma atividade que vai além da escola, segundo Foucambert (1994 apud MOTA ROCHA & MELO, 2009, p. 3) “a leiturização e a alfabetização, são caminhos para a apropriação da leitura como principal ferramenta cultural das sociedades modernas e complexas como a nossa ou meios de inserção da criança na cultura escrita”.

Diante disso consideramos que avaliar a leitura não é fácil, pois há diversos fatores a serem observados e levados em consideração no julgamento final. A avaliação de um leitor iniciante nos proporciona um olhar cauteloso diante do sujeito avaliado, não é apenas um trabalho pedagógico. Visto que envolve questões afetivas, sociais culturais e (meta) cognitivas, como aponta as autoras Mota Rocha & Melo (2009).

É possível que uma criança leia sem saber ler efetivamente, isso pode ocorrer através da escuta realizada por um leitor proficiente. Mesmo não decifrando as palavras escritas, ouvir a leitura de um texto, já é uma forma de leitura. É relevante que os docentes tenham essa visão de forma à proporcionar momentos de leiturização em sala de aula, promovendo também a participação da criança no envolvimento com o texto escrito.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Ler não é decifrar palavras. A leitura é um processo em que o leitor realiza um trabalho de construção do significado do texto, apoiando-se em diferentes estratégias, como seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e de tudo o que sabe sobre a linguagem escrita e o gênero em questão (BRASIL, 1998, p. 144).

E foi nesse sentido que realizamos a experiência de avaliarmos a leitura de um leitor iniciante, a fim de observarmos de perto como ocorre à aquisição da leitura de uma criança, no contato direto com o texto escrito, nesse caso foram utilizadas histórias infantis. Primeiramente a criança foi ouvinte e depois ela exerceu o papel de leitor, podendo posicionar-se dando sua opinião, estimulando assim o censo crítico com o intuito de avaliarmos o nível de compreensão atribuído ao texto.

Quem convive com crianças sabe o quanto elas gostam de escutar a mesma história várias vezes, pelo prazer de reconhecê-la, de apreendê-la em seus detalhes, de cobrar a mesma sequência e de antecipar as emoções que teve da primeira vez. Isso evidencia que a criança que escuta muitas histórias pode construir um saber sobre a linguagem escrita. Sabe que na escrita as coisas permanecem, que se pode voltar a elas e encontrá-las tal qual estavam da primeira vez (BRASIL, 1998, p. 143).

Assim, considerando que a leitura é resultado da interação entre leitor, texto e contexto, pois ler não é só decodificar palavras, mas o refletir sobre o que está escrito, dessa maneira, não é necessário que a criança leia convencionalmente para ser considerada leitora. Se ela consegue pensar sobre o que ouviu e fazer julgamentos de valor sobre o texto, ela é uma leitora iniciante, já possui consciência de que a escrita representa a fala, compreendendo as relações entre o que se fala, o texto escrito e a imagem. É necessário despertar na criança a ideia de que ler, significa atribuir significado ao texto e compreendê-lo, desmistificando a ideia de que ler é decodificar o que está escrito.

AVALIAÇÃO DE LEITURA COM UM LEITOR INICIANTE

A avaliação de leitura foi uma proposta do Componente Curricular Concepção e Metodologia de Alfabetização, a fim de relatarmos a experiência vivenciada no processo de avaliação. Inicialmente fizemos estudos em sala de aula do texto com embasamento na proposta “Como avaliar o leitor iniciante?” de Mota Rocha & Melo (2009) seguimos todos os critérios estabelecidos pelas autoras.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

A avaliação de leitura foi realizada com uma menina chamada aqui de “M”, cinco anos e aluna do 1º ano de uma escola pública localizada na zona rural da cidade de Lagoa Seca, PB. Seus pais não chegaram a concluir o Ensino Fundamental, o que nos leva a perceber que seus pais possuem um baixo nível de escolarização.

A criança escolhida na avaliação possui vínculo com uma das avaliadoras. Segundo Mota Rocha & Melo (2009, p. 5)

aconselha-se o estabelecimento de vínculo sócioafetivo prévio entre avaliador e sujeito avaliado, já que o contexto emocional tem grandes implicações nas ações cognitivas, ainda mais se temos uma escola que prioriza a avaliação classificatória e práticas exclusivamente convencionais de leitura e escrita.

Dessa forma, realizamos a avaliação na casa da própria criança, perguntamos sobre a prática de leitura na família, e sua mãe alegou que a criança não possui livros de literatura infantil, lia com ela apenas livros didáticos trazidos da escola. Conta que toda semana a professora recomenda a leitura de um texto presente nesse livro e a mesma sempre realiza essa leitura com a criança. “O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura [...]” (BRASIL, 1997, p. 53). Posteriormente conversamos com “M” sobre leitura, perguntamos se gostava de ler e ela disse: “gosto, mas ainda não sei ler, minha professora é que ler histórias na minha escola”. Perguntamos quais histórias ela já ouviu a professora ler e ela disse algumas, como: A Cinderela; A Branca de Neve; O saci Pererê, entre outras.

Depois de ganharmos a confiança de “M” e seguindo algumas informações dadas por ela sobre as histórias já conhecidas, iniciamos nossa avaliação de leitura. Mostramos três livros de literatura infantil, não conhecidos pela criança, da coleção Clássicos de Sempre da Editora BrasiLeitura, fizemos a leitura do nome de cada livro para que ela pudesse escolher o qual gostaria de conhecer. Os livros apresentados foram da mesma coleção, foram eles: Cachinhos dourados e os três ursos; João e o pé de feijão; e A princesa e o sapo. “M” escolheu “Cachinhos dourados”.

A partir daí, demos início à primeira etapa da avaliação de forma que o avaliador realiza a leitura do livro sem apontar o texto escrito, enquanto uma das avaliadoras faz a leitura, as outras fazem observações sobre o comportamento do sujeito avaliado. É



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

imprescindível registrar todos os acontecimentos durante a avaliação para se chegar ao resultado final.

Esta leitura deve ser feita com boa entonação/fluência de modo a otimizar a concentração e o interesse da criança, condições iniciais para uma boa compreensão do texto a ser ouvido pela criança. O mediador deve se posicionar como usuário da língua, fazendo comentários se necessário, deixando a criança observar as figuras, respondendo suas perguntas etc. Não deve, porém, apontar o texto escrito, o que resultaria no desvio da atenção da criança do sentido do texto para código escrito, dificultando a decodificação na etapa seguinte (MOTA ROCHA & MELO, 2009, p. 5-6).

Seguimos essas mesmas orientações fazendo a leitura sem apontar as partes escritas, observamos durante a leitura, que “M” estava o tempo todo concentrada e interessada na história. Ela não fez perguntas durante a leitura e sempre olhava atentamente para os desenhos. Após terminar a leitura passamos para a segunda etapa.

Nessa segunda etapa, a avaliação consiste em perceber a construção da compreensão do texto lido. Pedimos que “M” contasse para nós o que entendeu sobre a história. Então ela disse que “tinha a Cachinhos dourados, papai urso, mamãe urso e bebê urso, que a cachinhos dourados bebeu o leite do bebê urso e depois quebrou a cadeira dele”. Com isso fizemos as seguintes indagações: “E aí? Você lembra mais alguma coisa? Como começou a história?” De forma bem descritiva ela conseguiu contar o que aconteceu no início, meio e fim, sempre relacionava a família urso na ordem igual ao do livro, papai, mamãe e bebê urso.

“M” contou de forma muito clara a sequência dos fatos, quando perguntamos como começou a história, ela disse: “papai urso, mamãe urso e bebê urso foi passear e Cachinhos dourados entrou na casa deles e tomou o leite do bebê urso”. Perguntamos: E depois? Ela disse: “Cachinhos dourados sentou na cadeira do bebê urso e quebrou depois foi para a cama dele e dormiu, aí apareceu papai urso, mamãe urso e bebê urso e cachinhos dourados saiu correndo e nunca mais ia entrar na casa de alguém sem avisar”. Assim, foi necessário apenas perguntar como começou a história que ela conseguiu contar a sequência dos fatos de forma linear.

Uma leitura bem feita e ouvida com atenção é um passo importante para a sumarização do enredo pelo ouvinte. A sumarização é uma importante estratégia de leitura que envolve a distinção entre aspectos essenciais e secundários do texto. Diferentemente de recontar a história ou mesmo de relê-la, a sumarização envolve a capacidade de abstração por parte do leitor.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

Através dela, o leitor pode arquivar/estocar informações na sua teoria de mundo situada na memória de longo prazo. Esta etapa da atividade, em geral, demanda do avaliador a sua participação para que a criança consiga construir o sentido do texto lido e expressá-lo sob a forma de sinopse ou resumo. Aconselha-se que o avaliador comece esta etapa sem fornecer ajuda alguma e, à medida da necessidade do sujeito avaliado, vá fornecendo ajuda gradativa (pouca até muita ajuda). Nesta etapa avaliamos a construção do sentido do texto lido, registrando a compreensão da criança das partes do texto lido (começo, meio e fim) e o grau de ajuda (independente, pouca ou muita ajuda) (MOTA ROCHA & MELO, 2009, p. 6).

Diante dessa perspectiva, percebemos que “M” não conseguiu contar a história quando perguntamos o que entendeu da história, acreditamos que ela não compreendeu o que estávamos querendo saber. Mas quando perguntamos como começou a história, ela contou toda sequência dos fatos sem necessidade de fazer qualquer outra mediação. Esta facilidade em sequenciar os fatos de maneira correta, conforme o livro lido se deu devido à atenção dada durante a leitura realizada.

Consideramos a atenção um fator relevante para a compreensão de um texto, pois acreditamos que se a mesma não tivesse dado a devida atenção à história, “M” não conseguiria contá-la sem a ajuda do livro em mãos. Com isso, no que diz respeito à ajuda na construção do sentido de um texto narrativo, ela precisou de *pouca ajuda*, isso porque “quando o mediador participa da ação/tarefa proposta de modo indireto, por exemplo, perguntando como a história começou, o que aconteceu e como terminou? (MOTA ROCHA & MELO, p. 2). Nesse caminho podemos considerar que não precisamos acrescentar informações para a compreensão sobre o livro lido, o que levou a criança a não precisar de ajuda.

A terceira etapa da avaliação consistiu em pedirmos que a criança fizesse a releitura do livro apontando para os códigos linguísticos, assim o fizemos como orienta Mota Rocha & Melo (2009, p. 6),

nesta etapa o texto deve ser lido apontando-se as palavras nas pistas iniciais e em blocos. A sinalização da pista inicial das palavras é importante para que a criança entenda que se lê da esquerda para a direita e que a decodificação começa com a identificação da relação grafema-fonema da pista inicial das palavras (letra, sílaba ou prefixo).

Na releitura “M” teve dificuldades, já sabia que a leitura começa da esquerda para a direita, mas não se detinha em decodificar as palavras. Ela passava o dedo nas palavras de forma linear, porém contava a história conforme o desenho recorrendo para



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

as gravuras de cada página e também recorria ao que havia compreendido na leitura realizada.

O ato de ler não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita (BRASIL, 1997, p. 53).

Neste sentido, o que nos chamou atenção nessa leitura foi os conectivos usados por ela, quando saía de uma sequência da história para outra, usava “então”, “daí” “depois” sempre seguia uma ordem, na qual possibilitava a compreensão da história com início, meio e fim.

Após a leitura realizada foi preciso mediar e pedir que lesse novamente, mas dessa vez observando cada palavra escrita, fomos observando o início das palavras, ela possui conhecimento de todas as letras do alfabeto, assim “M” identificava cada letra e ia juntando-as até conseguir formar a palavra, muitas vezes nem precisava decodificar a palavra toda, já na primeira sílaba através do índice fonológico, ela já dizia que palavra era aquela, recorrendo também às gravuras e a compreensão do texto já estabelecida.

Portanto, pela segunda vez ela fez a releitura, só que dessa vez observando as palavras, não lia rigorosamente todas as palavras, porém com base na compreensão e nos desenhos fazia a leitura dos parágrafos sem fugir do sentido real. Ela decodificava as primeiras palavras, juntando letra por letra, daí quando identificava a palavra por completo e seu sentido, já sabia em qual contexto ela estava, porque recorria aos desenhos e ao que havia ouvido, fazendo o desfecho do parágrafo.

Enfim, o que observamos, é que “M” ainda não possui autonomia na leitura, não lia convencionalmente, pois na maioria das vezes não se detém a palavra em si, mas faz recorrência às gravuras e a compreensão do texto inicialmente lido. Tem muitas dificuldades em fazer a decodificação das palavras, ela junta letra por letra, o que ajudou na sua releitura, foi o fato de ter prestado atenção enquanto fazíamos a leitura para ela. Isso ajudou, pois a mesma armazenou as informações de forma que, ao ver os desenhos conseguia situar cada evento de maneira sequenciada.

Assim, podemos concluir que ela usou, segundo Mota Rocha & Melo (2009) dos índices figurativos e fonológicos. “Os índices figurativos fazem parte do conhecimento de mundo do leitor e têm como base o sentido ou os aspectos visuais do signo. Em geral



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

estes índices são apropriados pelas crianças antes do ingresso na escola, a partir das práticas sociais letradas” (p. 9). Ela usou do índice figurativo de ilustração se dá “quando a criança identifica a palavra escrita usando o texto não-verbal (os desenhos)” (idem). E em relação ao índice fonológico, “M” usa da pista inicial “quando a criança identifica a palavra escrita a partir do seu prefixo, sílaba ou letra inicial” (ibidem).

Consideramos que esses dois recursos usados pela criança avaliada foram de extrema importância na sua releitura, pois estavam atrelados. Porque, para decodificar usou-se do índice fonológico, ao identificar o início das palavras e fazer referência aos desenhos, proporcionou o sentido completo para realizar a releitura sem deixar que nenhuma característica do texto fosse esquecida, toda a sequência foi enfatizada por ela.

Por fim, na quarta etapa estava o posicionamento de “M” sobre o livro, segundo Mota Rocha & Melo (2009, p. 6-7),

nesta etapa devemos conhecer a opinião do leitor sobre o texto lido, por exemplo, a partir da pergunta: o que você achou da história? Posicionar-se é um indicador de que o leitor dessacraliza a informação escrita, além de ser uma atitude formadora da criatividade. O posicionamento, no entanto, deve vir acompanhado de argumentação.

Então, perguntamos se a criança avaliada havia gostado da história, ela disse que sim. Perguntamos por que e ela respondeu: “porque a história diz que é para a gente nunca entrar na casa dos outros sem avisar”. Essa fala dela faz jus ao final da história, pois, mostrou que ela conseguiu ter uma compreensão do que ouviu e que a mensagem final, ficou como lição de vida, provavelmente podendo contribuir na mudança de atitudes e valores na mesma. Presumimos que “M” fez uma boa argumentação, pois além de se posicionar dando sua opinião, também fez referência ao propósito transmitido pela história mostrando que compreendeu o texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, consideramos a avaliação indispensável no processo de ensino-aprendizagem do sujeito, pois através dela é possível saber em qual nível encontra-se a criança, identificando o que já sabe e o que não se sabe, de maneira que seja feita as mediações necessárias para a aprendizagem efetiva do leitor iniciante. É preciso avaliá-lo de forma criteriosa, sendo uma tarefa delicada e complexa que envolve



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

vários fatores. Identificar os estádios de desenvolvimento ou da aprendizagem dos alunos, é fator primordial, permitindo assim que a avaliação seja um norteador para o professor, visto que, através dos resultados ele poderá direcionar suas atividades.

Por fim, essa avaliação nos proporcionou um contato mais próximo da realidade estudada em sala de aula. Pudemos observar e acompanhar como ocorre o processo de aquisição de leitura por um leitor iniciante, em todos os seus seguimentos. Essa experiência contribuiu na nossa formação docente, pois associar teoria e prática só acrescenta nos nossos conhecimentos e direcionamentos na nossa prática, enquanto educadoras. Vimos de perto que avaliar não é fácil, há diversos fatores a serem observados e levados em consideração no julgamento final.

Portanto, existem diversos fatores que influenciam o interesse da criança pela leitura, são temas e gêneros de textos que atraem o leitor iniciante, envolvendo ilustrações e a interação estabelecida pela obra. Embora as estratégias para o desenvolvimento das habilidades de leitura na escola seja significativa, a educação escolar espera da família apoio à aprendizagem dos alunos, é seu papel instrumentalizá-los para a interação com diferentes tipologias textuais. Encontramos crianças fascinadas pelo mundo dos livros, porque a família cumpriu seu papel. Em relação à escola, acreditamos que seu papel seja o de superar o imprevisto e criar estratégias de qualificação da experiência de aprendizagem, para formar leitores competentes, é preciso que os docentes juntamente com a família, promovam situações de leitura, mesmo que a criança não saiba ler convencionalmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, 1997.

_____, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil / Ministério da educação e do Desporto, Secretaria de educação Fundamental. - Brasília, v. 3, MEC/SEF, 1998.

COLEÇÃO CLÁSSICOS DE SEMPRE. Cachinho dourados e os três porquinhos. Editora BrasiLeitura.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

_____. João pé de feijão. Editora Brasileitura.

_____. A princesa e o sapo. Editora BrasiLeitura

MOTA ROCHA, Silvia Roberta da; MELO, Silmara Cássia Barbosa. Como avaliar o leitor iniciante? – EPENN, 2009.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros / Magda Soares. – Belo Horizonte: Autêntica, 1998, p 29-59.